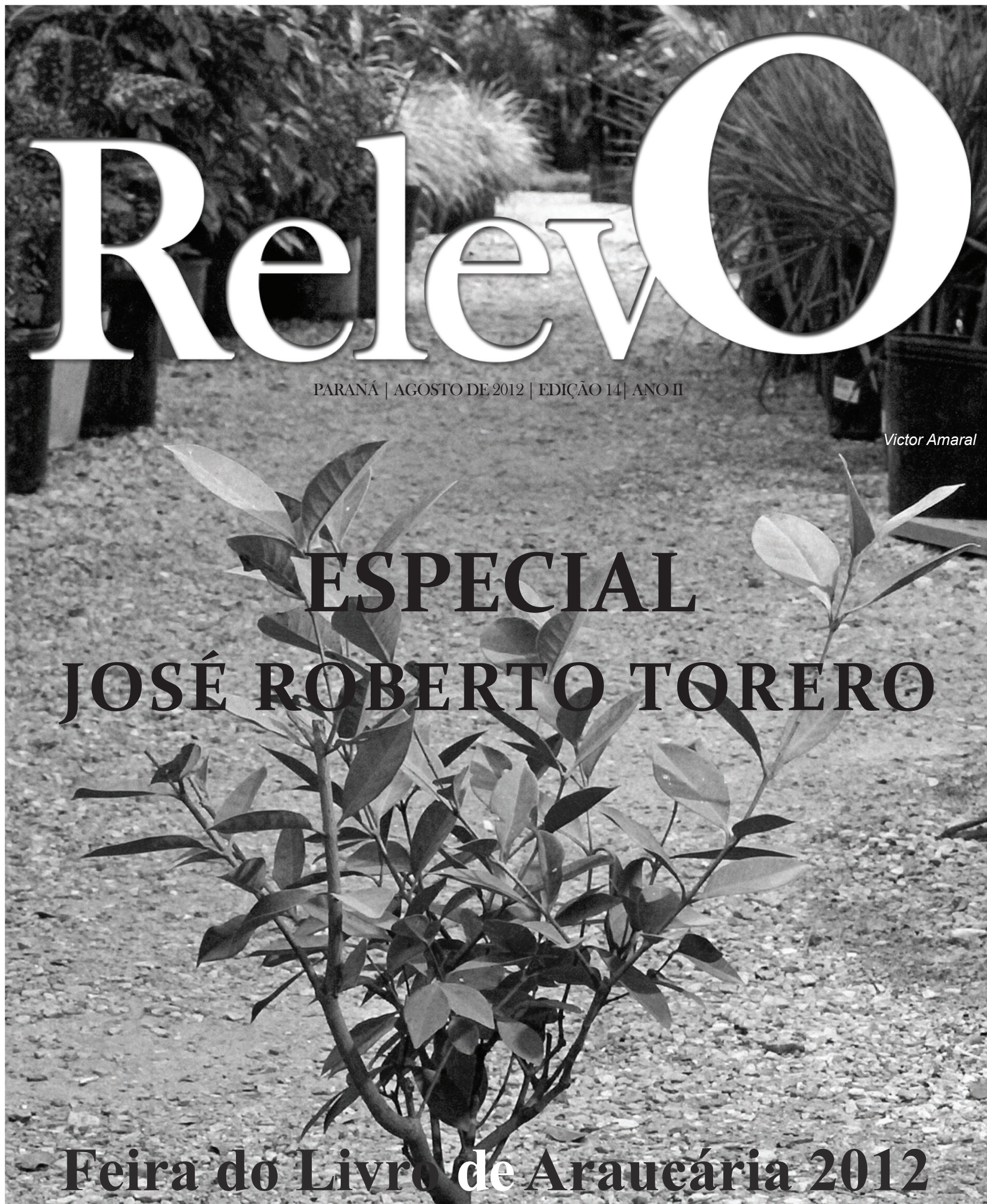




Relevo

PARANÁ | AGOSTO DE 2012 | EDIÇÃO 14 | ANO II

Victor Amaral

ESPECIAL JOSÉ ROBERTO TORERO

Feira do Livro de Araucária 2012

O maganão

Por Daniel Zanella

Calimério, o cocheiro do insinuante Chalaça, pergunta sobre a implicância de seu amo com as mulheres de vinte anos e a duvidosa preferência pelas donas de sessenta. “Choram demais, vigiam-nos o tempo e querem muitos presentes”, diz Chalaça.

Com este espírito debochado, O Chalaça – Galantes memórias e admiráveis aventuras do virtuoso Conselheiro Gomes, venceu o Prêmio Jabuti de 1995, e alçou Torero ao time dos goleadores da literatura brasileira.

O ilustre santista José Roberto Torero Fernandes Junior (1963), formado em Letras e Jornalismo pela USP, é um dos mais versáteis e provocantes autores nacionais. Seu trabalho transpassa da crônica esportiva de jornal diário ao cinema, onde dirigiu e escreveu vários curtas-metragens, como o premiado Amor, e trabalhou como roteirista de Pequeno dicionário amoroso, filme dirigido por Sandra Werneck, de 1997.

Autor de mais de vinte e cinco livros em incursões diversas, começou como

cronista no “Jornal da Tarde”, de São Paulo, e posteriormente passou a escrever textos sobre futebol para a revista “Placar” e o jornal “Folha de S. Paulo”, com a qual colabora desde 1998. Também é sócio proprietário da Realejo Livros, com sede em Santos.

Seu trabalho é fortemente marcado pelo humor e a ironia, acomodados em uma linguagem ampla e acessível, tanto para leitores mais exigentes, quanto para aqueles que estão ingressando a passos de pelica no mundo literário, o que não significa uma pretensão de panteão.

“Pode parecer estranho, mas não acho que o escritor deve pensar na formação do leitor. Ele deve escrever o que quer escrever. Professores e, principalmente, os próprios leitores é que têm que fuçar, olhar livros nas prateleiras, ler coisas na internet e escolher seus caminhos. Gostar de um escritor é mais ou menos como descobrir um novo amigo: você tem que conhecer bastante gente para achar algum com quem tenha afinidade”, comenta Torero.

Autor muito vinculado ao futebol – em 2001 lançou

Os cabeças-de-bagre também merecem o paraíso pela Editora Objetiva –, Torero não assume posições confortáveis sobre a importância da literatura e o suposto afastamento dos escritores das temáticas mais populares. “É que o futebol não é mesmo tão importante quanto amor, política, guerra e morte.”

Em 2010, publicou no seu extinto blog – “dava trabalho demais, eu recebia umas duzentas mensagens por dia. Só lê-las já me custava um tempão. E muitas mereciam resposta. Ou seja, para ser um blogueiro sério eu teria que ser apenas isso, e há outras coisas que gosto de fazer” – um provocante artigo sobre A verdadeira vida de Sebastian Knight, de Wladimir Nabokov, também sobre a profundidade de um certo comportamento fugaz da crítica literária menos comprometida:

“... Como em várias das obras de Nabokov, os personagens principais sofrem um certo deslocamento geográfico. No caso, os irmãos são dois russos que saem pelo mundo. De certa maneira, eles repetem o que aconteceu com o próprio autor, que nasceu na Rússia, em

meio a uma família aristocrata, em 1899. Vinte anos depois, Nabokov teve que abandonar a União Soviética. Terminou seus estudos na Inglaterra, no Trinity College, em Cambridge, licenciando-se em literatura russa e francesa. Em 1923 foi viver em Berlim, mas, por conta dos nazistas, em 37 decide ir para Paris e de lá vai para os Estados Unidos, onde se dedicou ao ensino de língua e literatura russa em várias universidades, como Stanford, Wellesley, Cornell e Harvard). Depois do estrondoso sucesso de Lolita, vai viver em Montreaux, na Suíça, onde morreu em 1977. (8)

Por fim, um dos traços mais interessantes deste romance é que depois de algumas páginas o leitor não sabe mais ao certo o que é verdade e o que é mentira na nova biografia de Sebastian. E a tênue linha que separa a verdade e a mentira é mesmo uma interessante questão, ainda mais no caso desta crítica, pois eu não li “A verdadeira história de Sebastian Knight”.

Isso mesmo, caro leitor e caríssima leitora, este texto foi um exercício de picaretagem. Apenas passei os olhos

pelas sete primeiras e pelas cinco últimas páginas do livro, assim como fazem muitos resenhistas da grande imprensa. Depois, gastei 45 minutos pesquisando na internet sobre o livro e seu autor”.

Outra marca de Torero é a intensa parceria com o jornalista, escritor e roteirista paulistano Marcus Aurelius Pimenta, co-autor de diversos de seus livros. “Escrever a dois deveria ser algo sem importância, mas acho que é algo mal visto. Ainda há uma visão romântica em relação ao autor, como se ele fosse alguém iluminado. Não acredito muito nisso. Para mim, o que importa é o livro. O autor é só um mal inevitável.

Um autor que transporta a literatura para portos pouco explorados pelo métier. “Dois tipos de razões me levam a escrever: as razões nobres e as plebeias. As plebeias são as tradicionais: fama, dinheiro e mulheres”.

Um maganão, esse Chalaça, como psicografa D. Pedro I, na orelha do livro homônimo – caso você não tenha lido essa obra-prima, mas tenha passado por ela e goste de se fazer erudito.

Expediente

Fundado em Setembro de 2010

Edição: Daniel Zanella

Fotógrafo responsável: Ricardo Pozzo

Impressão: Folha de Londrina

Tiragem: 3500

Edição finalizada em: 9 de agosto, 20h.

Contato

twitter.com/jornalrelevo

Facebook: Jornal Relevo

Envie suas crônicas, críticas e sugestões para

jornalrelevo@gmail.com

PDF's das edições anteriores:

issuu.com/jornalrelevo

Colaboradores

Ricardo Pozzo

Escritor e fotógrafo radicado em Curitiba.

Victor Amaral

Fotógrafo araucariense.

Ygor Di Castro

Ilustrador curitibano.

O Chalaça

1

Anaxandro professava que os homens de grandes olhos têm gosto pela pintura, que os providos de largas orelhas são mais sensíveis à música e que os boqueirões não perdem uma boa mesa. Como meu cocheiro possui uma nariganga fabulosa, ponderei que um argumento perfumado com alguns odores serviria de atalho para atingir-lhe o moderno cérebro.

“As de vinte ainda cheiram a leite, Calimério. As de sessenta são melhores, recendem a vinho.”

“Vinho ou vinagre?”, retrucou o impertinente.

“Tu não entendes nada. Tua cabeça é mais vazia que um copo de bêbado. As sexagenárias são as melhores e pronto!” Disse eu, que já começava a ficar aborrecido.

A atitude mais sensata, reconhecimento, seria esquecer todas as falácias e inferências vulgares proferidas pelo meu humilde cocheiro na discussão que tivemos hoje à tarde, ainda mais porque elas não causaram o menor abalo às minhas convicções; mas, como a sensatez nem sempre prevalece, tivemos uma demorada refrega. Para ser mais exato, tomou-me duas horas e vinte e três minutos. Isso explica por que o calor desse debate – e o da sopa de ervilhas que tomei há pouco – ainda não deixou o meu espírito e por que sinto a necessidade de relatá-lo nesse caderno.

“Senhor, eu peço que me perdoe.” A verdade é que Calimério estava mais impaciente do que eu. Servos gostam de ter uma boa ideia dos seus

senhores, e o meu argumento parecia-lhe em tudo contrário ao julgamento que fazia de mim. “Esses olhos que Deus Nosso Pai serviu-se de me dar não podem lhe dar razão. Como pode o senhor preferir uma velha a uma boa menina de vinte anos?”

“Está sendo injusto, Calimério. O que chamas de velhas são mulheres experientes, generosas e gentis. E mais, muitas delas ainda conservam os melhores aspectos da beleza juvenil.”

“Qual, senhor. Isso nunca. Ainda outro dia fiz uma visita à mulher do queijeiro – foi pecado que Deus há de perdoar – e eu jurei por São Vicente de Fora que nunca mais poria os meus pés lá. Oh, não, Senhor. Aquilo eram tantas pelancas e dobras que eu nem sei como consegui...”

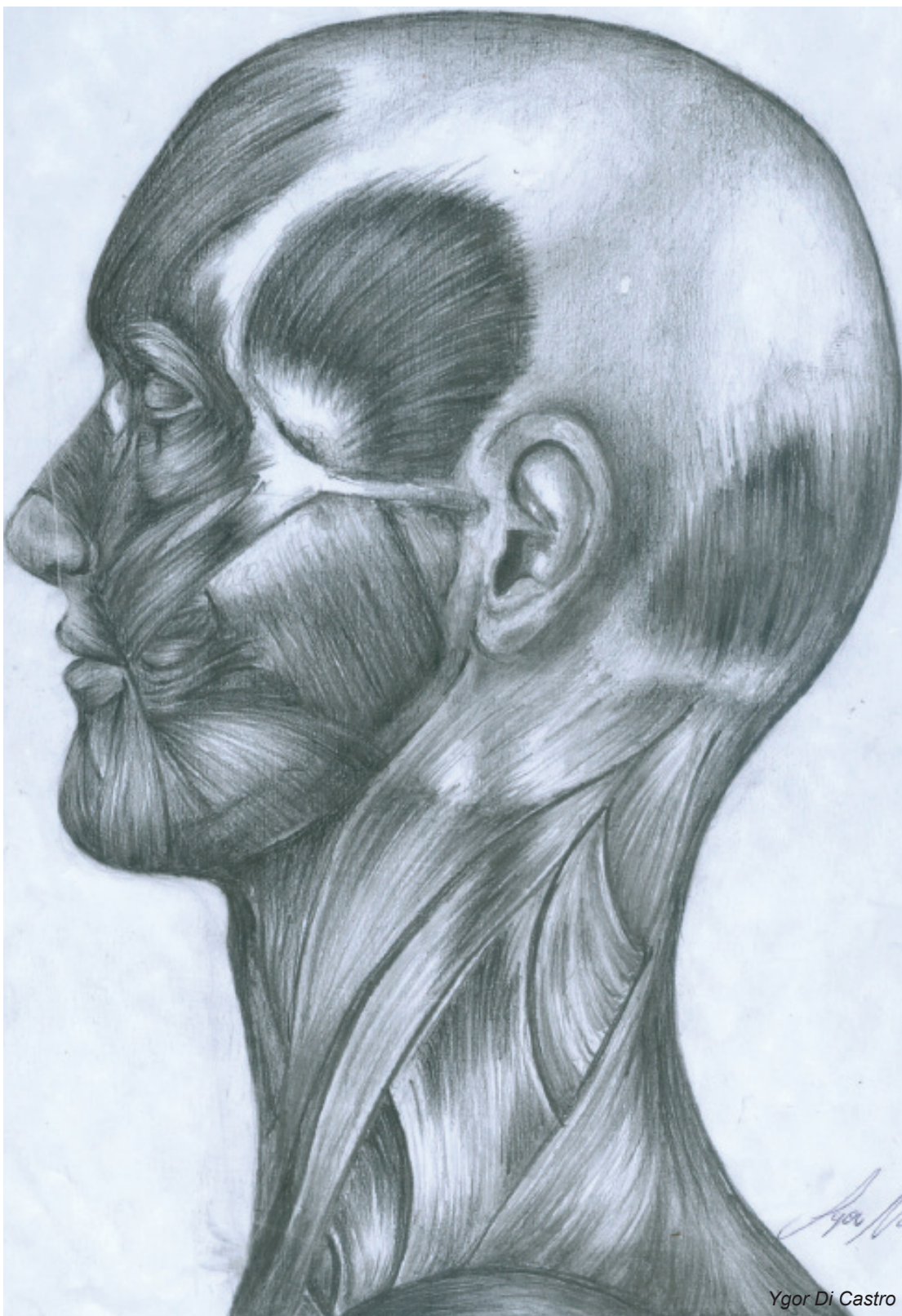
“Esse é um exemplo infeliz, e de um só exemplo não se pode fazer uma lei.”

Calimério olhou-me como quem não tivesse entendido a censura. Por fim, perguntou-me mais e uma vez o que é que me desagradava nas mulheres de vinte anos.

“Choram demais, vigiam-nos o tempo todo e querem muitos presentes”, respondi.

Assim continuamos por um bom tempo. Calimério recorreu a vários argumentos simplórios e até aproveitou-se da passagem de uma jovem costureira pela Rue de Courcelles para dar mais vida à sua defesa.

A pequena quase me fez dar razão ao cocheiro, mas um senhor jamais deve ceder aos argumentos de um servo. Além disso, tenho meditado muito neste assunto ultimamente e tenho me persuadido de



que distinção, refinamento e porte valem muito mais do que um corpo bem-feito. Como contragolpe à costureira, vali-me das escrituras: “Enganosa é a graça, vã é a formosura...” Calimério calou-se frente às santas palavras. Aproveitei minha vantagem e desferi o golpe final, dando um leve tapa na mesa, que significava o fim da discussão: “Ainda

que me trouxesses agora três formosas ninfas de vinte anos, eu não as trocava por uma virtuosa senhora de sessenta.”

Calimério foi-se embora cuidar dos cavalos. Eu tomei a sopa e vim para o quarto escrever isto. Notei que o correio esteve por aqui hoje e deixou correspondência, mas não tenho ânimo para ler agora.

Uma das cartas é inclusive de meu amo. Bem, será a ocupação matinal. À tarde levarei um mimo à minha querida para ver se ela melhora.

O Chalaça

Editora Objetiva, 1995
José Roberto Torero
226 páginas

Historinha

1.*

As melhores tortas de maçã de Paraisópolis sempre foram as da confeitaria "Maçã do Amor", hoje pertencente ao seu Prudêncio, mas que foi fundada por dona Carmelita, uma espanhola que chegou à cidade apenas com uma mala lilás e um chapéu vermelho (uns diziam que tratava-se de uma comunista fugida da ditadura de Franco, os mais maliciosos, que escapava do marido, um toureiro tão violento quanto ciumento).

Carmelita gabava-se de ser uma grande artista culinária e o peso do marido era a prova de sua competência. Elesbão tinha cento e sessenta e seis quilos.

Para fazer o marido feliz - e receber elogios -, Carmelita não se cansava de fazer os melhores doces do mundo. Elesbão, por sua vez, não se cansava de comê-los e a cada sobremesa ficava mais apaixonado.

O final do caso não foi dos mais alegres. Elesbão, involuntariamente, sufocou Carmelita durante uma cópula apaixonada. Estranhamente, Carmelita morreu com um sorriso nos lábios.

2.*

A lápide de Carmelita foi feita por Rodinei. Ele faz as mais perfeitas esculturas de Paraisópolis e não há uma boa casa na região que não tenha uma de suas mulheres no jardim (sua especialidade são as imitações de Vênus de Milo).

Surpreendentemente, Rodinei é casado com Gioconda, uma senhora de corpo desconforme e rosto feíssimo (para muitos, a segunda mulher mais feia da história de Paraisópolis, perdendo apenas da insuperável Cacilda). Seu nariz é enorme,

seus olhos são estrábicos, a boca, torta para a esquerda, as orelhas, de abano, e o queixo, quase inexistente. Muitos perguntam como Rodinei, que faz estátuas tão belas e tão bem conhece as leis da harmonia e do bom gosto, pode amar Gioconda. Rodinei não entende o porquê dessas dúvidas e a todos responde que Gioconda tem as formas mais inéditas e originais que ele já viu.

3.*

No número 41 da avenida Abel vive a irmã de dona Rosa. Bárbara é professora aposentada e tem sessenta e dois anos. Richardson, ex-escriturário, tem dezenove.

Bárbara ensinou tudo para Richardson: que talher usar, que livros ler, que músicas ouvir, que roupas comprar etc. Depois de todo esse aprendizado, Richardson ficou tão interessante e charmoso que pôde abandonar a velha amante e casar com Vilminha Lotufo, uma das moças mais ricas da cidade.

Quando Richardson avisou das bodas, Bárbara não chorou, não arrancou os cabelos e nem xingou o rapaz de ingrato. Disse que a vida era assim mesmo e desejou-lhe boa sorte.

Hoje ela namora Wilmond, ex-contínuo, vinte anos. Sabe que vai acontecer tudo de novo, mas não se importa. É uma pedagoga antes de tudo.

4.*

O garçom do Éden chamava-se Josué e era apaixonado por Clarice, a garçoneite. Eles se davam muito bem e pareciam feitos um para o outro. Mas Clarice se apaixonou por Paulo Afonso, um dos mais assíduos fregueses do restaurante.

Afonso e Clarice decidiram se casar e fazer uma festa enorme, coisa para trezentos convidados. Por ironia, ou compaixão, um dos garçons contratados foi Josué.

Mas Josué não queria piedade. Desejava vingança. Pensou em atirar nos convidados, cogitou esfaquear Afonso, imaginou-se estrangulando o padre.

Fez pior que isso. Quando chegou perto de Clarice, deixou cair o estrogonofe em seu vestido branco.

5.*

O vestido de Clarice foi feito por Marineide, atualmente considerada a melhor costureira de vestidos de noiva de Paraisópolis.

Há alguns anos atrás, Marineide ia casar com Deolindo e decidiu ela mesma fazer seu vestido de noiva. Porém, no dia da cerimônia, Deolindo fugiu.

Marineide ficou muito triste, mas, como a vida continua, começou a costurar para fora. Não demorou muito ficou conhecida como uma grande costureira de vestidos de noiva e ganhou bastante dinheiro. Deolindo, quando soube de seu sucesso, voltou e pediu Marineide em casamento.

Marineide, orgulhosa mas apaixonada, encheu o peito e disse: aceito! Só exigiu que o vestido fosse feito por outra costureira.

6.*

Paulo Afonso começou a beber logo depois do casamento com Clarice. Ela ameaçou deixá-lo se ele não parasse com o álcool. Afonso até parou por duas semanas, mas logo voltou a ser o mais fiel cliente do Bar do Caxingó (um enorme negro que havia



sido centroavante e ídolo do Recreativo Paraisopolense e que, recentemente, vítima de uma contusão incurável no joelho direito, deixou o futebol para administrar seu pequeno bar). Clarice ameaçou novamente com a separação, mas, desta vez, Paulo Afonso bebeu sua cachaça de um só gole e disse que não trocava sua bebida por nada.

Clarice, que não costuma levar desaforo para casa, decidiu tomar uma atitude: também começou a beber.

Isso foi há dois anos. Desde então, todos os dias entre às 19h e às 22h15, eles podem ser encontrados no Bar do Caxingó. Voltam abraçados para casa, cantando e rindo, e dizem que não há um casal mais alegre em

Paraisópolis.

7.*

Geraldo torcia pelo Recreativo Paraisopolense. Mais que torcia, ele era o golquíper do Recreativo e a principal arma do time. Geraldo era conhecido por suas defesas impossíveis e os mais entusiasmados diziam até que podia voar.

Porém, Norminha, sua namorada, era fanática pelo Esportivo de Paraisópolis, o grande rival do Recreativo de Paraisópolis. Por isso, ela vibrou muito naquela final do campeonato municipal, quando o Esportivo venceu o Recreativo por um a zero.

A vitória só aconteceu

porque Geraldo, o frango humilde que humilha o vexatório. A por Caxingó, que até Esteve, chefe da torcida do Recreativo defendido.

Envergonhada por nunca mais jogar futebol. Em compensação, minha aceitou o casamento.

8.*

O delegado do nobicho todos os meses, nunca. Numa semana chegou em casa e percebeu que

as de amor



Ricardo Pozzo

do levou um
lhante. Mais
nte: ridículo,
bola chutada
era tão fácil
res, o cego (e
da organizada
), poderia ter
ado, o golquí-
is jogou fute-
ensação, Nor-
seu pedido de

Barata jogava
os dias. Obvia-
ganhava.
gunda-feira
sa mais cedo e
a mulher não

estava sozinha. Olhou por
uma fresta e viu que o amante
era Belmiro Paternostro, o
bicheiro da cidade e um dos
irmãos do prefeito. Cogitou
dar três tiros em cada um,
mas pensou melhor e resol-
veu armar uma vingança
mais interessante.

No dia seguinte jogou
todo seu dinheiro no número
36499, vaca. Tinha certeza de
que Deus lhe daria essa vitória,
essa vingança. Aí pegaria
todo o dinheiro, fugiria para
uma praia no Ceará e abriria
um bar. Paternostro estaria
falido e Darlene abandonada.

Não foi o que aconteceu.
O número sorteado foi 36409,
burro.

Sem dinheiro, Barata foi
abandonado por Darlene,
que virou amante de Belmiro

Paternostro, que está um
pouco mais rico.

9.*

Lucrécia, casada com o
Janjão da farmácia, não é
exatamente uma mulher fiel.
Já se deitou com o padeiro,
o leiteiro, o açougueiro, o
merceiro, o quitandeiro e
até com peixeiro. Por isso sua
geladeira está sempre bem
abastecida.

Os boatos da vizinhança
já chegaram até os ouvidos
de Janjão. Mas ele não se
importa. Sua única preo-
cupação é comprar uma
geladeira maior (nem que
seja à prestação, na casa de
eletrodomésticos "Modern
Paradise").

10.*

O que Maria Imaculada
mais gostava de fazer era
cuidar da roupa de Armandi-
nho. Era o jeito de mostrar seu
grande amor pelo marido.
Ela mesma lavava tudo e
não havia camisa que não
ficasse branquíssima depois
de passar por suas mãos
apaixonadas. Armandinho,
agradecido mas pouco enten-
dido da alma feminina, foi até
a "Modern Paradise" e com-
prou-lhe de presente uma
máquina de lavar. Quando
viu a máquina, Imaculada
chorou muito, mas Arman-
dinho pensou que fosse de
felicidade.

Não era, e as camisas de
Armandinho estão com um
tom triste e amarelado.

11.*

Poucas vizinhas são tão
amigas quanto Ruth e dona
Noemi.

Dona Noemi é casada com
o Dr. Alaor, gerente da casa
de eletrodomésticos "Modern
Paradise". Ele sempre foi um
marido severo, de pouca
conversa e nenhum agrado,
mas, quando começou a trair
dona Noemi com Ruth, sua
transformação foi imensa.
Como acontece com muitos
maridos infiéis, Alaor passou
a ser gentil e carinhoso, sendo
que, às sextas-feiras, trazia
até flores para a esposa.

No dia que dona Noemi
descobriu que era Ruth
a causa da mudança do
marido, foi até a vizinha e
deu-lhe uma torta de maçã
como agradecimento.

Poucas vizinhas são tão
amigas quanto Ruth e dona
Noemi.

12.*

Reginaldo jogava sinuca
todas as noites no salão "Ao

Taco de Ouro". Ritinha, de
tanto ficar em casa sozinha,
ameaçou pedir o desquite.
A solução de Reginaldo foi
passar a levar a mulher para
os jogos.

Acabou não sendo uma
boa idéia. Ritinha rapi-
damente virou a melhor
jogadora do salão e todas
as noites vence Reginaldo
com uma vergonhosa facili-
dade. Reginaldo anda meio
abatido e pensa seriamente
em suicídio.

13.*

Pacífico, o jardineiro, foi
parar na cadeia por causa do
coração e do estômago.

Ele é vegetariano con-
victo e fazia questão de que
Rosália também fosse. Por
isso ele se sentiu dupla-
mente traído quando encon-
trou Rosália na cama com
Dirceu, o açougueiro.

Pacífico não teve dúvi-
das de como solucionar o
problema. Pegou a macha-
dinha que usava para podar
pequenos troncos, cortou
os dois em finas fatias e
colocou-os no freezer.

O caso só foi descoberto
porque ele teve que ser inter-
nado às pressas no Hospital
Santa Efigênia, vítima de
intoxicação alimentar.

14.*

O principal fornecedor
do açougue de Dirceu era
Amâncio, o fazendeiro.
Entre todas as suas alimá-
rias, Amâncio tinha predile-
ção por Rosita, uma ovelha
com orelhas grandes e ancas
largas. Por sua causa, Amân-
cio desprezou as melhores
moças da cidade. Os dois
viviam em grande paz e
infinito amor, até que um
dia Amâncio surpreendeu
Rosita com Brasão, um dos
bodes mais velhos e feios

daquele pasto.

No domingo seguinte,
Amâncio serviu uma
buchada sensacional para
seus amigos. E durante todo
o almoço, apesar do calor,
Amâncio vestiu seu novo
casaco de lã.

15.*

D.Cora foi mãe de Whi-
telmina (não se sabe o nome
do pai, mas Whitelmina foi
uma bela mulata), que foi
mãe de Lídice, que foi mãe
de Izaurinha, que foi mãe de
Alice, que está com 81 anos.

Ela é vizinha de Romu-
aldo desde criança e sempre
foi apaixonada por ele.
Romualdo, indiferente
aos sentimentos da jovem,
casou-se com uma tal de
Maria Clara. Fiel ao seu
amor, durante setenta anos
Alice esperou por seu vizi-
nho e jamais teve outro
homem.

Ano passado, quando ele
ficou viúvo, começaram a
se encontrar. Três semanas
depois Alice desmanchou o
namoro. Romualdo não era
bem o que ela esperava.

16.*

De Romualdo e da tal
de Maria Clara nasceu
Calvino, que, além de ser
o presidente do Recreativo
Paisopolense e da Apósto-
los de Barrabás, é o prefeito
da cidade e dono da fábrica
de cimento de escória "Pater
& Filhos".

Quando Calvino come-
çou a perder cabelo, Dalila,
sua mulher, fez questão de
que ele usasse peruca. Dalila
gostou tanto do resultado
que passou a comprar uma
peruca por semana para o
marido.

Ela está cada dia mais
feliz. Ele tem a estranha sen-
sação de estar sendo traído.

Terra Papagalli

Dos ventos que me levaram a Lisboa

Começo por dizer, senhor conde, que meu pai chamava-se Melquisedeque e minha mãe, Raquel. Os dois serviram no castelo do barão de Marbella, onde foram leais servos. Meu pai – e disso dão fé os livros dos feitos notáveis – até mesmo perdeu uma perna na batalha de Torremolinos contra a malvadíssima gente mourisca. Nesse combate feriu de morte a dezassete janízaros, mostrando-se valente como um tigre para preservar a vida desse nobre que, mui sabiamente, escondera-se num barril.

Como reconhecimento por tal prova de valor, deu o dito barão ao meu pai a soma de 6\$500, e ele, com este óbolo, meteu-se no comércio de noz-moscada, pimenta e demais temperos das Índias. Os negócios começaram bem, seguiram melhor e prosperaram de tal modo que aquela cidade ficou pequena e nela não cabiam mais os seus desejos.

Daí vê-se, caro conde, que pouco pode o homem contra o apetite de sua cobiça, pois, se nada tem, dá graças a Deus por umas migalhas de pão; porém, se tem as migalhas, passa a desejar também uma sardinha frita; então, se ganha a sardinha, isto já não lhe basta e ele quer agora um belo bacalhau cozido e, se Deus é servido de lhe dar o bacalhau, passa a achar isso pouco e sua barriga não se contentará com menos do que uma baleia temperada com o melhor dos azeites.

Assim foi e a fome de prosperidade fez nascer no seu coração a vontade de mudar-se de Marbella para Portugal. Arranjaram-se as coisas e partiram no ano de Nosso Senhor de 1480, che-

gando a Lisboa no mês de setembro. O Senhor, que tudo governa, fez com que minha boa mãe desse-me à luz antes de chegarmos ao porto, como que predizendo que meus dias estariam ligados ao mar e seus perigos. Sendo meus pais judeus e sendo aquela gente pouco amável com os filhos de Moisés, tomaram por bem adotar a fé cristã e batizaram-me, ainda no convés, com o nome de Cosme Fernandes.

Fui uma criança gorda, que mamava até a última gota do leite dos peitos de minha mãe. Meu pai, quando via a sofreguidão com que eu me abraçava e sugava o seio

materno, dizia: “Este há de ser glutão ou devasso.”

Além de bom profeta, era meu pai bom comerciante. Aos estrangeiros vendia especiarias, marfim e açúcar da Madeira; para os portugueses, porcelanas, estofos, brocados, veludos e tapeçarias, pelas quais davam mais do que traziam na bolsa e, por isso, viviam pagando juros de suas dívidas. Era coisa de ver, senhor, como as mulheres morriam por uns panos só porque meu pai lhes dizia que assim era o gosto em Castela ou que comesses tecidos se vestiam as damas do grão-vizir. Grandes riquezas juntou e logo pôde comprar

um sobradado na Rua Nova, com alpendre, salão, três câmaras de dormir, um oratório e uma casinha de mijar.

Acontece que quem semeia o trigo da vitória nunca deixa de colher o joio da inveja, e assim foi conosco. Com o nosso bom estado se afligiram alguns portugueses e começaram a dar notícia por toda a Ribeira de que guardávamos o sábado e recitávamos orações judaicas.

Nada se provou contra nós; porém, vai tão desconcertado este mundo que o juízo da calúnia é, às vezes, mais poderoso do que a sentença da lei e, mesmo achados inocentes, éramos culpados

perante o tribunal da opinião. Para calar a boca dos maldizentes foi necessária uma atitude que comprovasse nosso abraço à fé cristã e é aqui que entro na história, senhor, pois meu pai, para provar a sinceridade de nossa crença em Jesus, decidiu fazer-me clérigo.

Terra Papagali

Editora Objetiva, 2000
José Roberto Torero & Marcus Aurelius Pimenta
189 páginas



Ricardo Pozzo

Tipos inesquecíveis

os lordes

Nobre leitora, plebeu leitor, com certeza vocês já viram um lorde em campo. Ou mesmo na rua. Eles estão entre nós, os mortais, e são fáceis de se notar.

Por exemplo, lembram daquele menino na escola que, mesmo tendo um uniforme igualzinho ao seu, o dele parecia mais branco, mais macio e feito sob encomenda? Esse era um lorde.

É importante não confundir a lordeza com a riqueza ou a nobreza. A lordeza é algo d'alma. Estão aí o Chiquinho Scarpa e o príncipe Charles para comprovar minha tese. Eles têm dinheiro e coroa, mas não são lordes.

Por outro lado, os lordes seriam excelentes príncipes ou milionários. Mas, quando o destino coloca-os em outra profissão, eles não se importam, e desfilam sua classe mesmo assim.

Os lordes sentem-se à vontade, por exemplo, como diplomatas ou maitres, que estão sempre de terno e gravata, e falando algumas palavras em francês. A diferença é que num lorde isso parece natural, mas em nós, os comuns, a gravata parece roubada de um palhaço de circo, o terno herdado de um tio gordo do interior e, quando falamos francês, pensam apenas que estamos de boca cheia.

No futebol, é fácil enxergar os lordes. Para começar, eles não olham para baixo. Têm os olhos no horizonte, vendo algo que não vemos. Andam aprumados, como se vestissem a camisa sem tirar-lhe o cabide. Diz a lenda que, mesmo que corram todo o jogo, não suam. E, se por acaso brotam-lhe algumas gotas na frente, dizem que recende a sândalo.

Quereis exemplos para entender melhor? Dou-vos.

Didi era um lorde. Aquele andar cadenciado, o chute



Ricardo Pozzo

de folha-seca e aqueles lançamentos longos e precisos são coisas típicas de um grande lorde.

Já Falcão foi um lorde moderno, que corria por todo o campo. Mas esse vigor físico jamais se transformava em chutões desesperados ou em bicudas sem direção. O sapateiro que cuidava de suas chuteiras tinha pouco trabalho.

Os lordes também podem ser encontrados na zaga. É raro, mas acontece. Luisinho, do Atlético-MG, é um caso incontestado. Há quem diga que sua chuteira era de pelica e que ele pisava tão macio que não deixava pegadas na areia. Figueroa foi outro lorde da zaga. Às vezes ele até mandava a bola para a lateral, mas até estes gestos mais vigorosos eram feitos com garbo,

do mesmo modo que alguns abrem suas champanhes com um golpe de espada.

Falando em bebidas, Ademir da Guia, um supremo lorde, poderia jogar segurando um cálice de vinho. Um Romanée Conti, é claro.

Gérson foi um lorde com ares de general. Um lorde que fumava nos vestiários e fazia comerciais ruins, mas, sem dúvida, era um descendente da linhagem de Didi, e distribuía lançamentos inacreditavelmente precisos com a naturalidade de quem joga uma guimba no chão.

Danilo, o center half do Vasco do fim dos anos 40 e começo dos 50 (o Expresso da Vitória) era tão nobre que ganhou o apelido de Príncipe. Danilo jogava com elegância, não gostava de fazer faltas e tinha um especial cuidado

com seu corte de cabelo. Quem viu diz que não houve maior lorde que o Príncipe.

Obviamente, os lordes raramente gostam das laterais do campo, preferindo ficar ali pelo meio. Mas alguns concedem esta honra aos seus times. Um bom exemplo é Nilton Santos. Certo dia, conversei com ele pela manhã e com Antonio Cândido, nosso principal crítico literário, à noite. Fui dormir pensando que Antonio Cândido era tão elegante que bem poderia ter jogado no Botafogo de Nilton, e que Nilton Santos tinha tanta inteligência que bem poderia ter escrito algo em parceria com Antônio Cândido.

Gilmar dos Santos Neves foi o lorde sob as traves. Mas era um lorde tão simples e perfeito que, mesmo podendo usar luvas, preferia deixá-las de

lado. Lorde que é lorde não precisa de brasão, medalha ou luva. O lorde é.

Sócrates tinha o perfil esguio de nobre espanhol e a barba mal feita de um nobre inglês. Mas era Brasileiro até no nome. Ele era um lorde tão distinto que nem quando marcava um gol perdia a pose: em vez de dar pulos e soltar palavrões, erguia um braço e caminhava para o centro do campo.

Talvez alguns não lembrem e outros discordem, mas para mim Adílio foi um dos nossos maiores lordes. Suas passadas largas, seu drible aberto e a cabeça sempre erguida me davam uma inveja colossal. Às vezes eu tentava imitá-lo nas peladas na praia de Santos, mas sempre tropeçava e me esbarrachava na areia. Poucos nascem para lorde.



DICESAR BECHES

&

ADVOGADOS ASSOCIADOS

O ESCRITÓRIO

O escritório de advocacia *Dicesar Beches & Advogados Associados* possui uma história de mais de 38 anos. Nesta trajetória, sempre defendemos nossos clientes de forma a conferir a cada um a efetiva aplicação da Justiça. Sempre procuramos os melhores resultados com determinação, sendo que o conhecimento jurídico e a sua exteriorização foram marcas de sua história. A transparência e a responsabilidade também firmaram o alicerce do que é o grupo. A caminhada começou com Dicesar Beches Vieira, o primeiro presidente da Ordem dos Advogados do Brasil – Subseção Araucária. Atualmente, a OAB local é presidida por Dicesar Beches Vieira Júnior, seu filho.

A *Dicesar Beches & Advogados Associados* mantém uma banca de mais de mil processos de pessoas físicas em andamento, além da assessoria jurídica prestada a diversas empresas de Curitiba e Região Metropolitana, especialmente em Araucária.

■ ÁREAS DE ATUAÇÃO

Todos os profissionais do escritório jurídico *Dicesar Beches & Advogados Associados* possuem especialidades em suas áreas de atuação. Afirmamos que as matérias de direito de cunho **CIVIL, TRABALHISTA, PREVIDENCIÁRIO, EMPRESARIAL, CRIMINAL, CONSUMIDOR E TRIBUTÁRIO** são discutidos e tratados com o mais alto conhecimento.

■ ASSESSORIA & CONSULTORIA

Oferecemos um trabalho individualizado, acompanhando de perto as necessidades de cada cliente. A equipe *Dicesar Beches & Advogados Associados* tem especialistas em diversas áreas, que juntos, garantem soluções esperadas para cada caso.

A sociedade está ao lado de importantes empresas de Curitiba e região metropolitana, protegendo de maneira ética e segura os interesses de cada uma, investindo em um trabalho diferenciado para firmar parcerias cada vez mais duradouras.

■ NOSSA EQUIPE

Os profissionais do escritório *Dicesar Beches & Advogados Associados* são extremamente responsáveis e preparados para defender os direitos de seus clientes, buscando sempre a efetivação da justiça. Orientado por nossa sociedade de advogados, os resultados serão buscados e obtidos de forma satisfatória. A equipe preza, além da busca incessante pela verdadeira aplicação do direito, trabalhar com ética, confiança e transparência em cada um dos processos analisados. A sociedade está à sua disposição, com as portas abertas para melhor apresentação do escritório e do trabalho diferenciado que oferecemos.

Faça-nos uma visita.

www.dicesaradvogados.com.br

(41) 3642-1554 / (41) 3642-9062

Rua Coronel Joaquim Palhano, 184, Salas 1/2/3/4
Centro, Araucária – PR

(41) 3082-1470

Avenida Iguaçu, 2947, Sala 74, Edifício Batel
Executive Center, Água Verde, Curitiba – PR

